



O Gaiato

**PORTE
PAGO**

Quinzenário * 14 de Setembro de 1985 * Ano XLII — N.º 1083 — Preço 10\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

VISTAS DE DENTRO

◆ Ontem, tive que ir ao Porto por causa de uma reunião onde havia assuntos importantes a tratar. Durou a tarde inteira. No regresso a Casa, já ao sol-posto, vi o grupo dos mais pequeninos junto da casa-mãe, entretidos em alegre brincadeira. Quase parei o carro para refrescar um pouco a cabeça diante daquele «spectáculo»! Vi o melhor e lá estava também a Elvira a animar a festa. São duas jovens inquietas à procura do Caminho. A Elvira, do Sul, e a Graça, do Norte, ouviram falar do campo onde pode estar o tesouro escondido pelo qual valha a pena deixar tudo, vender tudo e dar a própria vida. O campo é a Casa do Gaiato. O tesouro escondido é o coração de cada um destes pequeninos. Vale a pena dar tudo por eles! Verdadeiro tesouro! Verdadeira pedra preciosa!

Que no coração destas duas jovens a Voz do Mestre não seja abafada por outras vozes. — «Se conhecesses o Dom de Deus...»

É uma experiência.

◆ Já que falamos de valores tão grandes como é o dom gratuito de poder gastar a vida ao serviço destes filhos, outro valor se levanta. É o valor que tem um nome — Família.

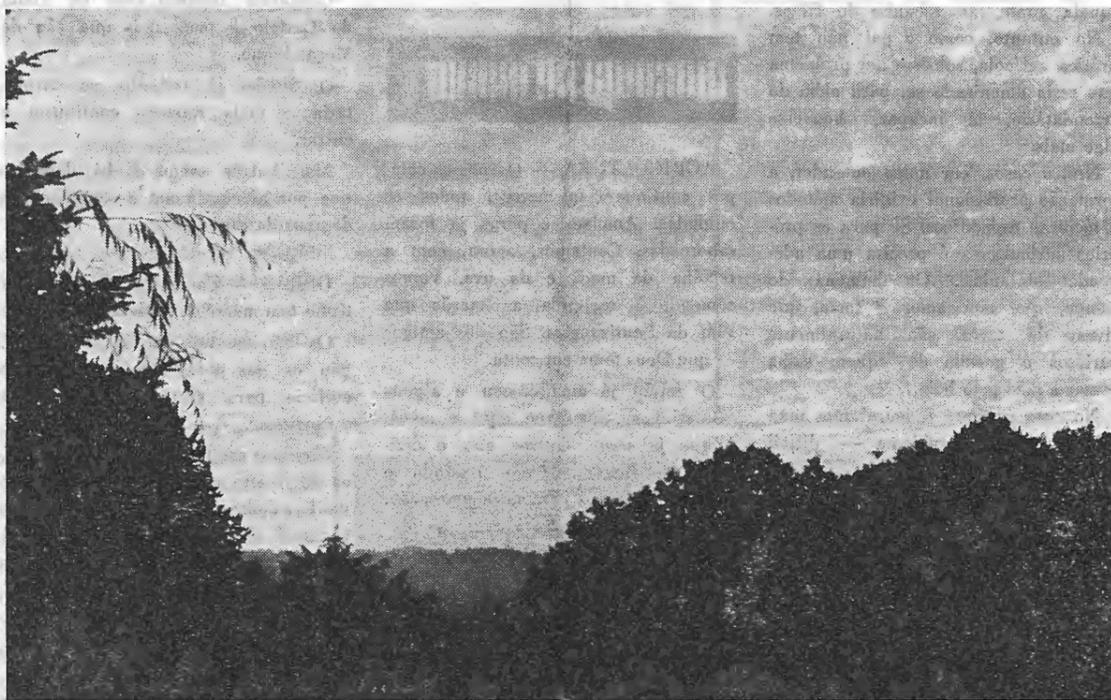
Outro dia, estava sentado a ouvir o noticiário. Tão distraído, que nem dei conta de que algo de mais importante se passava a meu lado! O que era? Sei que vais ficar tão feliz como eu — naquela hora!

Ele tem 13 anos. Sobe as escadas, devagarinho, como quem traz um tesouro do mais alto valor para oferecer. Senta-se e diz-me baixinho ao ouvido: «Hoje está triste... Está...!» Com as mãos presas ao pescoço dá-me um beijo e vai-se, de novo, pelas escadas abaixo.

Senhor de tanta Bondade, fazei-me merecer o serviço, até à morte, a estes Rapazes que estão no meu Caminho.

«Se conhecesses o dom de Deus... Se conhecesses o dom de Deus...»

Padre Manuel António



O Senhor é claro. Não temos outro Caminho. São nossos os Teus carreiros nos montes solitários...

Notas da Quinzena

1 Bem certo que estamos muito longe da fraternidade dos primeiros cristãos! Talvez a desejemos em nosso coração e façamos um esforço para a pormos na vida quotidiana...

É já um caminho. Caminho duro e estreito! Tantos obstáculos que temos por verdadeiros!

Como direi, entre pessoas que desconheço? Elas me podem roubar ou matar...

Como darei boleia a um caminhante? Pode ser um marginal...

Vou emprestar?

Dar o que me faz falta?

Como acolher os Outros, estando eu cansado e com o coração cheio de amargura?

Vou sorrir com a alma cheia de lágrimas?

«Vai, vende tudo o que tens, dá-o aos Pobres e segue-Me.»

Entra no Caminho!

Ele não foi capaz e retirou-se triste. Estava demasiado preso a seus bens.

São bem duros os carreiros do Senhor!

Mas só neles descobrimos a verdadeira beleza das estrelas!

2 Como recordo aquele pôr-do-sol em pleno Trás-os-Montes!

Um vermelhão no poente e os últimos raios a desenharem com nitidez o Castelo de Algosó, marco altivo e carcomido do planalto mirandês.

Dois africanos de raça negra e eu. Um senhor da aldeia a quem perguntámos a significação do lavrador e do crocodilo na pintura da capela. Ele explicou. Mostrou o castelo. Indicou os montes, os rios e os restolhos loiros. No fim, numa linguagem terna (guardarei para sempre essa ternura no coração!), convidou-nos a merendar em sua casa! Não quis saber quem éramos. Também não dissemos — para não quebrar o verdadeiro encantamento.

3 Mesmo que à nossa volta e neste nosso mundo todos atirem aos rios poluídos a sua fraternidade, os cristãos não o podem fazer. Têm obrigação de amar até às últimas consequências:

A partilha dos bens.

O sacrifício do seu «cantinho» tranquilo.

A perda da própria vida.

Quando vestiste o nu e acolhestes o marginal, «foi a Mim que vestiste e acolhestes».

O Senhor é claro. Não temos outro Caminho.

«Onde iremos nós, Senhor?» Tuas palavras são Espírito e Vida.

São nossos os Teus carreiros nos montes solitários.

Padre Telmo

AQUI LISBOA!

Congregações Missionárias têm-nos falado dos sinais de esperança patentes, com a realização de numerosas ordenações e o regorgitar de pedidos de admissão aos Seminários, alguns de candidatos em idade já madura. Louvado seja Deus!

Motivo de satisfação, tanto quanto nos é dado ver e apalpar, é também o sentido de serviço e a disponibilidade total dos «operários» ora chegados, dispostos a seguir o Mestre em e por toda a parte, nos

lugares mais inóspitos ou longínquos, sem o mínimo conforto ou a mais pequena comodidade, isentos de medo e corajosamente propensos ao sacrifício.

«Bom Mestre, que é que eu devo fazer para alcançar a Vida Eterna?!» — a pergunta dirigida a Jesus pelo jovem rico do Evangelho de S. Marcos, continua a repetir-se, nem sempre de forma clara ou explícita, é certo. Mas a resposta continua a ser a mesma, que o Se-

nhor, sentindo «afeição» pelos interlocutores e aconselhando-os a desprender-se dos bens do mundo, que os enleiam, vai dizendo a cada um: «Vai, vende tudo o que tens, dá o dinheiro aos Pobres e terá um tesouro no Céu; depois, vem e segue-Me».

João Paulo II fala na Carta Apostólica dirigida aos Jovens do mundo inteiro de inúmeros factores que podem afectar

Cont. na 4.ª pág.

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● Não foi o marido que nos abor-
dou, mas a esposa.

Em horas difíceis, o coração ma-
ternal faz o incrível — qual luzeiro
de Esperança!

É uma situação angustiada: *novos Pobres* vítimas de desemprego. Famí-
lia limpa, gente de trabalho, não que-
rem ser estorvo. Procuram «cana para
poder pescar».

A mulher traz na mão um saquinho
de plástico. Traja discretamente.
Resuma água e sabão. Hesita falar!
As lágrimas assomam em catadupa e
os dentes travam o lábio para não
se ouvir o pranto!

As lágrimas são tónico. Há que
deixar aliviar a amargura dos Pobres!
E desfia:

— *O meu homem trabalhava... Foi
despedido. Arrendámos e estamos a
fabricar uma territa abandonada, num
serrado. Nós fomos criados na terra...
Aplicámos nela o q' a gente tinha
e o que pedimos emprestado, na maré.
Não sei q' tanto a gente deve!...*

— *Vem lá o tempo das colheitas...
— Não chega a nada!*

— *Por isso é q' ele procurou e conse-
guiu arranjar um trabalhito noito
lado, os dias, mas aleijou-se. A dívida
cresceu mais...! Agora está melhor
mas a gente sofre, sem nada... p'ra
irmos à merceiro!*

Disse mais. Disse tudo!

— *S'a vida endireitar, s'ele puder
continuar a dar uns ditas fora, a
gente dará melhor conta. Fomos cria-
dos na terra...*

Mãos calejadas. Espírito d'inicia-
tiva. Regresso ao campo! «*Estamos a
fabricar uma territa abandonada...*»

Foram aliviados — com uma ajuda
pontual.

● Recentes estatísticas oficiais reve-
lam um certo crescimento de mão
d'obra no sector primário, motivado
pelo desemprego no terciário.

Mais: Nesta região há algumas pro-
priedades cultivadas em regime de
«part-time»; isto é, a mulher toma
conta durante o dia, mas nos fins-de-
semana e nos fins-de-semana pai e filhos
botam a mão.

Se «há males que vêm por bem»,
não seria de aproveitar e/ou motivar,
eficazmente, ainda mais, esta mão
d'obra desempregada, migrante, nos
campos — «*fomos criados na
terra...*» — não só para aliviar a deser-
tificação, em sentido lato, como para
diminuir o deficit alimentar do País!?

Recentemente, num quotidiano de
grande expansão, um emigrante re-
gressado ao País — sem posto de
trabalho — perorava a exploração
duma quinta, exactamente pelas
razões expostas!

Houvesse estruturas organizadas para
o essencial, seria uma hora oportu-
níssima para a criatividade d'acções,
para a formação profissional nos cam-
pos — para a renovação de mentali-
dades anquilosadas!

Já que bulimos num problema ca-
dente — particularmente das regiões
intermédias, entre o litoral e o
interior — botámos a mão a outro
caso, também motivado pelo desem-

prego e por falta de habitação.

O homem, desde mocinho, foi sem-
pre trabalhador da construção civil.
Um indiferenciado. Jamais ganhara
amor à agricultura. Agora, porém,
não tinha outra alternativa: Em casa,
muitas bocas a comer. Família excep-
cionalmente numerosa.

Na primeira visita domiciliária ficá-
mos aterrados — no meio de tantas
carências! Havia que matar a fome
àquela gente, ao rebanho de filhos.

No entanto, como o pai não tem
prática agrícola, subsiste um problema
que seria amenizado se, para além do
arrendatário, já incapaz, houvesse
algo mais.

Nestes casos, em nosso entender, a
formação profissional exigiria métodos
e técnicas específicos. Se para os pró-
prios agricultores é precisa uma ade-
quada sintonia... Os homens do
campo, que têm amor à terra, que
vivem da terra, são naturalmente
curiosos e gostam de «quem saiba
passar a mão pelo boi»...

No caso vertente procuraremos uma
solução para o problema — difícil
problema social!

— *Eu não posso ter lá aquela
gente... — queixa-se o arrendatário.
Semeiam mal. Não sabem podar. Não
cavam a terra. Não aproveitam as
águas. Q'ria dar-lhes a mão, mas não
tenho saúde. Estou com muito pre-
juízo!*

PARTILHA — Um cheque da assi-
nante 4456 e «um abraço amigo» que
retribuímos. Aquela Amiga do Porto
(pássa, aqui, assiduamente, como um
tufo!), deixa uma nota de mil para
várias intenções. Assinante 28584, tam-
bém do velho burgo tripeiro, outros
mil «por alma de Germano». Assinante
21912, de Carcavelos, apesar de des-
pojada pelos «amigos do alheio» («*Fi-
quei sem nada! Levaram tudo quanto
ganhei a trabalhar durante uma vida
inteira!*...») não deixa, mesmo assim,
de marcar presença!!

Os habituais dez rands de Umbilo
— África do Sul. Estrela de
Paz num mundo em guerra! «*Assi-
nante de Paço de Arcos*» — como se
intitula sempre — manda a habitual
«partilha dos meses de Agosto e Se-
tembro» com «saudações fraternas»,
retribuídas na mesma proporção.

Assinante 31104, da capital, duas
presenças; numa delas afirma: «*Como
sou muito pecadora só o amor ao
Próximo poderá salvar-me*». É o Cami-
nho importante para o Céu!

Mais uma presença constante: assi-
nante 19177, do Porto. Outra, o
assinante 11902, do Fundão: «*Paguei
anteontem a última prestação para
uma passeata e pensei que, gastando
tal quantia, bem poderia duplicar a
mensalidade de Agosto*». Dobrou a
parada cristãmente! Mais uma oferta
semelhante, do casal-assinante 35068,
de Vermoim (Maia): «*Na hora da
partida para férias, num abraço fra-
terno, uma lembrança para ajudar a
viver os que nem férias têm e bem
carecerão delas! Até breve...*» E mais
outra, da Maria Etelvina — tripeiri-
nha de gema: «*Antes de partir para
férias não o queria fazer sem pri-
meiro me lembrar dos que tanto so-
frem e tanto precisam da nossa pe-
quenina ajuda. Não me sentia feliz
se o não fizesse*».

Assinante 3119, de Paço de Arcos,
4.500\$00. Godim, assinante 29223,

500\$00. Assinante 675, de Lisboa, o
habitual vale de correio. Mais a
«*pequenina gota*» do assinante 9790
— de Oliveira do Douro — sufragando
as almas de «*familiares falecidos, para
que o Senhor a todos dê guarida no
Seu Reino*». É tão grande a Miseri-
córdia do Senhor!

Em nome dos Pobres, muito obri-
gado.

Júlio Mendes

MANEIRA DO CORVO

AGRICULTURA — Os nossos cam-
pos continuam a merecer todos os
cuidados. Ameixas e pêras já foram
saboreadas. Contamos, agora, com a
recolha da maçã e da uva. Vamos
comendo à merenda as maçãs que
vêm da Lenticueira. São dos amigos
— que Deus toma em conta.

O feijão já amadureceu e alguns
«Batatinhas» apanham, aqui e acolá,
o que já secou. Outros, com o Zézi-
nho, debulham e vão regando o
alfofre de couves para nova plantação.

Os tomateiros continuam a dar
tomates, que os cozinheiros preparam
para as refeições.

Um grupo despontou e, agora, des-
folha o milho. Recolhe-se a palha.
Nada fica atrás!

— Oh pá, volta atrás! Apanha
esta palha!

— Oh tu, vai apanhar aquelas
espigas...!

É uma conversa aqui, gargalhadas
ali e sob o calor arrumam-se os mi-
lheiros. Já foi muita ponta e folha
para as manjedouras das vacas e ou-
tra fica ao sol para ser atada e reco-
lhida nos palheiros.

A rega continua no couval, nos fei-
joeiros, nas abóporas. Os motores não
param de tirar água fresca dos poços!

É neste cenário que movimentamos
uma parte da nossa vida.

VIDA ESPIRITUAL — Esta época,
de fim de férias à beira-mar, temo-la
aproveitado, nos últimos anos, para
aproveitar mais intensamente uma
achega à vida espiritual dos rapazes.
Há tempo para tudo: para o ano
lectivo, para o trabalho, para férias,
— e para Deus.

Todos os dias, logo a seguir ao
pequeno-almoço, a senhora Lurdes
dispõe-se a catequizar um grupo para
a primeira Comunhão e um ou dois
para o Baptismo. Enquanto a senhora
professora, cuidadosamente, ajuda para
uma consciência mais séria e mais
forte doutros que se preparam para
fazerem um acto consciencioso de Com-
promisso cristão.

Os que estão de fora participam
nas orações habituais do dia; uns já
com a primeira Comunhão e o Com-
promisso. Restam alguns que o farão
para o ano, se Deus quiser. O dia da
festa chegará!

NOVOS — Durante o ano vão che-
gando. Primeiro um telefonema, uma
carta, a presença. Depois de todos
os esclarecimentos é o sim ou o não.

A timidez, o olhar descomhecido
caracteriza os novos; depois, como
uma nascente, é o rebentar de per-
guntas, as ligeiras conversas, e
o primeiro amigo. Por fim, os
redactores:

— Como te chamas?

— De onde és?

A comunidade já conhece o Marco,
o mais novo, de três anos, que
se demorou a adaptar-se ao am-
biente mais o seu irmão Pedro. Mas
o Zé, também de três anos, e o seu
irmão Rui não tiveram meias medi-
das. Toca a brincar e a pedir os
mimos que todos lhes dão!

Chegaram também dois de Viana
do Castelo e mais dois que são de
Moçambique.

O Simões já trabalha na carpin-
taria e mais rapazes continuam a
entrar.

Mas outros saem. E há daqueles
que por aí continuam a sentar-se nos
degraus da rua!

OBRAS — Em outras crónicas este
título tem merecido notícias.

Os movimentos por lá se cruzam.
São os das obras que constroem o
edifício para a tipografia começar
a funcionar.

Com um grupo de pedreiros de fora,
os de dentro entregam-se ao trabalho
desde as sete e trinta até às dezanove
horas. É vênus daqui para lá e de lá
para cá. São os que têm mais horas
de trabalho — preciso e urgente. E,
assim, ao pé das oficinas — serralha-
ria e carpintaria — vemos outra, nova,
a desabrochar!

Enquanto a esferográfica escreve
esta crónica, ouvimos o bater das
ferramentas e o barulho das máquinas
da betão que encham a placa. Sete
camionetas com betão! E lá enche-
ram — poupando tempo e fadiga.

Para Outubro deverá estar tudo
pronto e em funcionamento. Porque
enquanto o trabalho se realiza, lev-
tando as paredes, os aprendizes con-
tinuam a aprender Artes Gráficas na
Gráfica de Coimbra.

O sonho está a ser realizado! E a
comunidade poderá alegrar-se por
mais uma porta de esperança que se

abriu no seu futuro — contando com
a vossa visita e encomendas.

Guido

Paço de Sousa

PRAIA — O quarto turno já está
a passar merecidas férias na nossa
casa de praia, em Azurara (Vila do
Conde).

Tudo tem corrido bem, graças a
Deus. E esperamos que seja até ao
fim da época balnear.

O terceiro turno regressou e os
rapazes muito contentes, queimados
do sol.

ATLETISMO — Alguns dos nossos
rapazes participam num torneio, em
Paço de Sousa.

Na prova dos 1500m, quatro deles
classificaram-se nos primeiros lugares.

FUTEBOL — Realizámos dois desa-
fios: um no dia 26, outro em 31 de
Agosto. O primeiro com a equipa
da Fábrica Unixpresso. Ganhámos por
9-3. O segundo com a equipa dos
Leões Bairristas. Perdemos por 4-3.

VISITANTES — Continuamos a ser
visitados, com muita frequência, ao
longo da semana — principalmente,
nos fins-de-semana.

A nossa Aldeia fica cheia de visi-
tantes, que passam o domingo con-
nosco.

AGRICULTURA — Acabou a co-
lheita da batata. Saíram muitas tone-
ladas dela dos nossos campos!

Colhemos também o mel. Muito
mel!, que nos é servido, com frequên-
cia, ao pequeno-almoço.

As uvas estão a ficar maduras,
apetitosas. Esperamos ter muito e
bom vinho, se tudo correr bem até
à vindima!

Ludgero Paulo

Novos Assinantes de O GAIATO

Em horas de saborosas con-
fidências, com Humildade, pelo
Fogo ardente que abrazava a
sua alma, Pai Américo disse-
nos, uma vez por outra, refe-
rindo-se a O GAIATO e o mais:
— *Depois d'eu morrer é que
vai ser...*

Agora, na glória do Pai
Celeste, conhece melhor o
Recado do Senhor Jesus — que
escondia nas reticências.

Segundo as nossas contas, a
tiragem da última edição subiu
a 57.330. Temos 35.655 Assi-
nantes inscritos e os restantes
21.675 exemplares d'O GAIATO
foram distribuídos pelos
nossos Rapazes, no Sul, Centro
e Norte do País.

Entretanto, os recados que
Pai Américo nos transmitiu,
aqui, baseados no Livro da
Vida, permanecem cheios de

actualidade! Como este, a
modos de estatuto editorial e
divisa da precissão de no-
vos Assinantes, publicado n'O
GAIATO n.º 61, de 29/6/46:

«*A importância do jornal não
está na quantidade. Está mas
é na qualidade. Não é, de ma-
neira nenhuma, o jornal de
maior tiragem do País. É o
mais lido. Pois se eles até lêem
estas intermináveis listas de
Assinantes!*

*Não tem preço. Não se faz
cobrança. Não é de facções.
Não tem política. Ama e faz
amar. Todos quantos o lêem
gostam de ver aqui nomes de
outros. O Amor é comunica-
tivo.*

*E se cada Assinante conse-
guisse um Assinante!?*

Cont. na 4.ª pág.

MAIS LIVROS

Preparamos um novo título — CANTINHO DOS RAPAZES, de Pai Américo — a sair no próximo ano.

O material está recolhido, seleccionado; e o Bernardino já ocupado na fotocomposição, enquanto o Oliveira, na offset, imprime a 3.ª edição do 1.º volume *Isto é a Casa do Galato* e a 5.ª do 1.º volume *Pão dos Pobres* — ambos de Pai Américo — que refarão o stock para acudirmos às requisições dos Leitores que surgem diariamente.

O livro CANTINHO DOS RAPAZES foi pena não ter saído à luz, no corrente Ano Internacional da Juventude! É um belíssimo conjunto de charlas e/ou diálogos Pai/filho, muito substanciais, de muita oportunidade, além duma ou doutra reflexão de irmão para irmão. Confidências, orientações, linhas de rumo, metas para a vida, com os olhos da alma abertos também às realidades do Céu. Isto é: «fazer de cada rapaz um Homem!»

Contudo, o livro *A Porta Aberta — Pedagogia do Pai Américo — Métodos e Vida* (obra seleccionada pela Dr.ª Maria Palmira Duarte) — permanece em foco entre os nossos Leitores, qual achega importante, de simbolismo formal, no Ano Internacional da Juventude. Para além dos Jovens, não faltam pais e mães, professores de todos os graus de ensino, encarregados de educação, escolas, colégios, estabelecimentos dedicados à Juventude — um mundo de gente! — a requisitar-nos este livro que sistematiza toda a Pedagogia aplicada por Pai Américo.

Ainda agora, neste cantinho de trabalho, recebemos a visita dum par de irmãos de meia idade, e um jovem, todos muito dentro da nossa vida, da vida das Casas do Gaiato. Falámos. O moço não largava o «Gordinho» — cicerone. Quis saber tudo, tudo, da boca do pequeno, com muita curiosi-

dade. No fim, a senhora pergunta por livros: «Quero levar cinco Portas Abertas para pessoas amigas. Aonde estão?» O irmão, do lado, opta pelo *Obra da Rua* que traça uma panorâmica da Obra até aos nossos dias. «Os livros de Pai Américo são muito importantes!» — sublinha esta Amiga com alegria discreta, a condizer com a sua natural discreção. «Nós já nos conhecemos há muitos anos!...»

De facto, visitantes que passam pelas Casas do Gaiato — tocados pelo que lêem, vêem e ouvem (quantos dão graças a Deus!) — levam em suas mãos o preciosíssimo espólio de Pai Américo — do livro *Pão dos Pobres ao Doutrina* — e obras doutros Autores, como seja a recente 3.ª edição d'O Lodo e as Estrelas, de Padre Telmo.

Finalmente, pequenos retalhos do correio diário.

S. Pedro do Estoril:

«Junto cheque para a minha assinatura d'O GALIATO e para o livro *A Porta Aberta* que tiveram a gentileza de me enviar. Obrigado. E sempre bem vindo e muito lido!»

Cortegaça:

«Agradeço, de todo o coração, *A Porta Aberta*.

Quando comecei a ler fiquei com ganas de o devorar dum fôlego, mas o tempo não permitia e um manjar destes não é para se comer duma só vez, porque depois ficaríamos cheios de fome... Resolvi saborear um pouquinho cada dia...

Agora, saciada e novamente com fome, venho pedir o Isto é a Casa do Gaiato e o Viagens para ter a colecção completa.

Sou pobre. Quando puder aparecerei novamente porque a *Obra da Rua* está bem dentro do meu coração.»

Aigualva (Cacém):

«Recebi *A Porta Aberta*, que ocupa em minha casa lugar de honra.

Comentários? É mais um trabalho do Padre Américo, apesar de compilado por alguém que muito admira a sua Obra também.

Cada vez se torna mais necessário, para o mundo actual, a doutrina e o amor que transcendem da acção do Padre Américo, incluindo O GALIATO e os livros editados.

Infelizmente, as verdades apontadas pelo Padre Américo cada vez são mais actuais e mais verdades! É pena que tenhamos de desejar, com mais insistência, a vinda de muitos «Padres Américos!» Seria tão bom que ao lermos as suas obras sentíssemos o calor humano-espiritual que delas irradia, e tivéssemos a consolação dessas lições terem sido recebidas e percebidas por todos os homens.

Lutamos por Amor, não por espírito de luta e muitas vezes em defesa do egoísmo de cada um, esquecendo todos os outros...»

A Luz não se pode colocar debaixo do alqueire!

Júlio Mendes

NOTAS DO TEMPO

■ Foi nestes dias a festa de Santo Agostinho e a de Santa Mónica, sua Mãe, que duas vezes o gerou: em dor, para a vida do mundo; em lágrimas e preces, para a vida divina. Duas vidas profundamente unidas, durante a contradição do erro e na paz da contemplação da Bondade de Deus, que a Igreja não separa ao celebrá-las.

Após uma experiência rica de contrastes, Agostinho fixa-se na alegria imensa da Verdade finalmente achada e torna-se um mestre do optimismo cristão, um homem que, vendo agora à luz da Luz, sem esquecer a realidade desgraçada da condição natural do Homem, não se desperdiça na condenação das trevas, que todo o tempo é pouco para falar dos

desígnios de Misericórdia do nosso Deus.

Com efeito, «a Deus desagradava a nossa vida, desagradava-Lhe tudo o que fazíamos; só não Lhe desagradava o que Ele tinha feito em nós. Por isso condenará o que nós fizemos e salvará o que Ele fez». Condenará o mal, criatura do Homem. Salvará o Homem que Ele fez. É esta a lógica da Salvação que Agostinho intui e o introduz no entendimento do Mistério. E o seu objectivo, uma vez que «Cristo morreu pelos ímpios» como preço da Redenção, é levar todos os homens a «receber esta graça e a viver de modo digno deste dom, a fim de não tornarmos inútil tão grande graça».

Cont. na 4.ª pág.



TRIBUNA DE COIMBRA

Vieram elementos da *American Foundation for Charities of Portugal Inc*, de New York, com oferta de 22,500.00 dólares. Fomos uma das várias instituições que ela quis ajudar.

Há semanas vieram quatro elementos da Fundação visitá-los. Muito discretos. Vieram. Fizeram poucas perguntas. Certificaram-se. Disseram que merecíamos. Hoje, o presidente da *American Foundation*, acompanhado da esposa, e outros, vieram entregar. Sentiram-se felizes e nós também.

Na altura da primeira visita ainda não tínhamos arrancado com o sonho velho da nova oficina-escola de Artes Gráficas

— para ajuda de melhor formação dos nossos rapazes. A visita e a promessa de apoio também foram força para o nosso arranque.

Hoje viram o novo edifício já a receber a cobertura e disse-mos-lhes que um grupo dos nossos rapazes-estudantes se está a preparar na Gráfica de Coimbra e que o Padre Valentim já tem em mãos algumas das máquinas que em Outubro hão-de inaugurar esta nova escola.

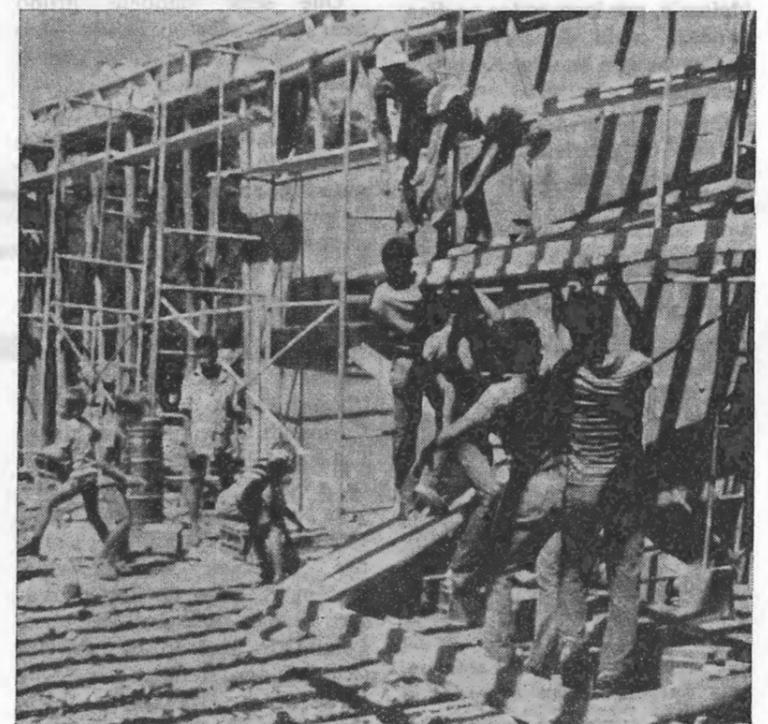
Há dias, um dos nossos rapazes casados perguntava-me se eu já sabia quanto iria custar esta nova oficina e foi ele mesmo dizendo: «pelo menos

O presidente da *American Foundation for Charities of Portugal Inc* — de Plainview (New York) — acompanhado da esposa e outros amigos, visitaram a nossa Casa e cumpriram a promessa.

uns quinze mil contos!...». Respondi-lhe que não falássemos em contos, mas que andássemos para a frente, com confiança.

Veio uma senhora de Vilar Formoso, amiga de há muitos anos. Vieram estes portugueses a trabalhar na América do Norte. O Amor-Caridade não tem distâncias nem fronteiras. Outros hão-de vir. E tu que me lês também hás-de vir. No fim faremos as contas e Deus será louvado.

Padre Horácio



O edifício da nova oficina-escola recebe a cobertura pela mão dos nossos rapazes. A comitiva luso-americana sentiu-se feliz. Nós, também.

AQUI LISBOA!

Cont. da 1.ª pág.

negativamente o crescimento da juventude, traduzidos em atitudes de criticismo, cepticismo, cinismo petulante, passividade, egoísmo, isolamento, consumismo, fascínio de miragens enganadoras, mundo ilusório do álcool e da droga, efémeras relações sexuais, indiferença, violência, etc. O facto é que, cansados de uma vida sem sentido e sem norte, desiludidos de ideologias e afins, descrentes dos «messias» terrestres, os jovens se voltam para o Mestre, o único capaz de saciar a sua vida de felicidade e de bem e de satisfazer plenamente os seus anseios de Infinito.

Consigamos nós, padres, como o Santo Padre lhes escreveu em Quinta-feira Santa, representar sinais evidentes de «especial credibilidade e autoridade moral», sabendo ouvir e sabendo responder, por palavras e por actos, por uma vida totalmente consagrada a Deus e aos Irmãos. É que, sendo assim, os jovens, como no episódio do jovem rico, esperam deles a verdade e aceitam as suas respostas como expressão de uma verdade que obriga. «Esta verdade pode ser exigen-

te. Mas não devemos ter medo de exigir muito aos jovens. Pode acontecer que um ou outro se afaste «contristado», quando lhe parece que não conseguiria corresponder a uma ou outra exigência. Esta «tristeza», apesar de tudo, pode também ser «salvadora». As vezes os jovens devem abrir caminho através destas «tristezas salvíficas» para gradualmente chegarem à verdade e àquela alegria que ela causa. Os jovens sabem, de resto, que o verdadeiro bem não pode ser obtido a «baixo preço» mas deve custar. Eles possuem uma certa intuição, que é sadia, quando se trata de valores.

Constituem os chamados «padres da rua» um pequeno grupo, que com licença superior, se dedicam à evangelização dos Pobres, dos mais caídos e abandonados, nomeadamente as crianças sem família ou em perigo moral, o doente incurável e os sem casa. Fazem apostolado de Caridade incarnado em acção social, ao serviço da Igreja, que devem amar com a paixão fervorosa do fundador. «Não usam hábito. Não fazem votos. Não têm residência. Nem família, nem amigos, nem campos, nem interesses, nem

nada. São pobres; pobres por devoção.» São no presente sete sacerdotes que, «sem oiro nem prata», na linha de Pai Américo devem ser o toque espiritual das almas que lhes estão confiadas, porque por natureza os pais de família de 12 Lares abertos de Norte a Sul do País, como que «homens aflitos, queimados interior e constantemente pelas necessárias vicissitudes da Obra, até ao desgaste final — a morte».

Nesta súplica, à base do testamento de Pai Américo aos seus padres e das normas de vida que os regem, encontrarão os leitores, nomeadamente os jovens, o que é a Obra da Rua ou, como também é conhecida, a Obra do Padre Américo. É também um convite à reflexão para aqueles que procuram e querem dar sentido à vida, numa linha de serviço, sem dúvida exigente, mas apaixonante, respondendo de modo incisivo às perguntas do Evangelho: «Que aproveita

ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma? Ou que pôde o homem dar em troca da própria alma». (Mc., VIII, 36-37)

«Ante necessidades cada vez mais prementes, ousamos, para lá das nossas fraquezas e misérias, ser neste cantinho da Santa Igreja, ponto de referência para um trabalho específico, que jamais perderá a sua actualidade, porque de raiz profundamente evangélica. Desgastados, que não desanimados, precisamos de companheiros para esta jornada maravilhosa de servir a Deus e ao Próximo, refrescando o grupo existente e dando-lhe o maior dinamismo possível.

«O Cristianismo não envelhece», cita-se acima. Não seremos nós, assim o esperamos, a fechar a «Porta do Reino». Mas que venham outros que nos ajudem a tornar realidade o que Pai Américo nos deixou escrito: «Preguemos o Cristo Vivo. Impreguemos o mundo

de Verdade e já ela, a Verdade, não causará espanto. Façamos que os coxos andem, que os cegos vejam, que os ricos se compadeçam, que os surdos ouçam. Como? Pregando os Pobres sem medo nem reticências. Pregando para melhorar a situação de cada um. Ampará-los para que não venham a cair na miséria». Tarefa difícil? Certamente, mas tarefa indispensável, senão para muitos, caminho para alguns, os necessários.

Regozijamo-nos com a viragem e os sinais de esperança de início apontados. Peçamos, porém, ao Senhor da Messe que envie também operários para este sector da Vinha, comprometendo-nos todos, família de dentro e de fora, com fé e empenhamento, na oração por tão grande necessidade. Estamos certos de que, na Sua Misericórdia, o Senhor nos há-de ouvir.

Padre Luiz

NOTAS DO TEMPO

Cont. da 3.ª pág.

Receber Cristo, a Luz que ilumina «os últimos tempos», eis para Santo Agostinho o grande projecto a abraçar pelos homens. «Que há de bom nesta vida desde que o primeiro homem mereceu a morte e a maldição? Pois bem, dessa maldição nos veio libertar Cristo Senhor. Portanto não nos lamentemos nem murmuramos, irmãos». E o Santo Doutor reprova os «muitos que se queixam do seu tempo, como se tivessem sido melhores os tempos dos seus antepassados». Confessa a sua surpresa porque esta queixa não condiz com a Fé em Cristo e na Libertação que Ele nos oferece, Fé todavia presumida por estes murmuradores.

Nós, os cidadãos do mundo n'«os últimos tempos, somos aqueles de quem a Escritura diz: «Como ouvimos, assim o vimos» (...) «Ouviste no tempo das profecias, viste no tempo do Evangelho» (...) «Levanta os teus olhos, estende o teu olhar por todo o mundo, contempla a herança do Senhor que se difunde já até aos confins da Terra». Nós somos do tempo do Evangelho que é a Boa-Nova; somos contemporâneos do começo da realização das promessas. Somos membros de uma Igreja cuja santidade é constantemente acrescida. Será que ainda não vimos o que ouvimos?... Então que é da nossa Fé em Cristo-nossa Libertação, em Cristo-preço da nossa Redenção, esse Cristo que proclamamos vivo no meio de nós, e cuja presença nos compete testemunhar?!

«Portanto — conclui Santo Agostinho no texto a que me reporto — devemos alegrar-nos com o nosso tempo, em vez de nos queixarmos dele».

■ Penso que é esta a atitude de alma dos santos de todos os tempos. Por isso a santidade é uma constante de todos os tempos.

E vem a propósito um encontro recente com um sacerdote ocupado com a feitura de um livro sobre este tema: A santidade no nosso século.

Dizia-me ele: — É espantoso o número de casos conhecidos e comprovados de heroicidade de vida, a quantidade de causas de beatificação introduzidas neste século de muitas contradições em que tantas vezes nos deixamos perturbar por meios de comunicação profanos, cujo pendor a um sensacionalismo da sua conveniência, os leva a privilegiar notícias de escândalos, de violências, de perversões, sugestionando-nos a tomar por regra o que, felizmente, é excepção.

É verdade. Este tempero de

negativo, introduzido no meio social, induz a conceitos menos exactos e torna-se doentio, alimentando a tendência para generalizar aquela queixa do tempo que Santo Agostinho verbera. É necessário, é salutar que trabalhos como o que ocupa aquele sacerdote e outros da mesma espécie a enriquecer os meios de comunicação orientados por critérios não ditados pelos interesses mundanos, lancem no meio da sociedade o antidoto: estas notícias de vidas exemplares que estimulam ao Bem o comum das pessoas, muito mais do que as afasta do Mal a lamentação e murmuração dos males do século.

Padre Carlos

Novos Assinantes de O GAIATO

Cont. da 2.ª pág.

Ora vamos! Tu mesmo, agora mesmo, fala ou escreve a um amigo.

As vezes recebo cartas assim: «Não sei quem teve a feliz ideia de se lembrar do meu nome para assinante do jornal!» E lá vem o chequezinho da assinatura juntamente com palavras que se não dizem aos mortais!

Tu podes ter essa feliz ideia. Propões um Assinante daqueles que doutra forma jamais assinariam. Valeu?»

Um bom número d'Amigos segue religiosamente a «feliz ideia»; e, por isso, todos os dias, a nossa mala do correio traz «palavras que se não dizem aos mortais!»

Quando tentávamos alinhar o filme da procissão, passou à nossa frente um Anónimo d'algueres — cheira a Porto! — com uma folha de papel azul, de vinte e cinco linhas, mãos dadas a vinte e quatro novos Assinantes da Capital do Norte, Gandra (Ermesinde), Matosinhos, Vila Nova de Gaia, Nogueira (Maia), Paredes, Vila do Conde, Rio Tinto, Espinho e Gueifães (Maia) — com chequezinho à frente!

Mais além, topamos empresários e trabalhadores — também de mãos dadas. E uma multidão legendando suas preces: «Gostaria de receber O GAIATO...»; «Venho pedir que me enviem o «Famoso», pois aprecio muito o jornal...»

Ainda outros, há muito sintonzados connosco, mas não recebiam o traço d'união com

a Obra da Rua — O GAIATO!

«A senhora M. entrega-nos um donativo mensal de mil escudos para a Casa do Gaiato. Tem pretendido, sempre, ser considerada anónima; mas, hoje, falou no gosto que terá de receber o jornal...»

Escuteiros! Agora são os Escuteiros que têm por arrimo o Bem — com os olhos no Alto:

«Conforme prometi, a quando da minha visita com os Escuteiros de..., agradeço as deferenças e amabilidades dispensadas e solicito a assinatura d'O GAIATO...»

Que será naquele grupo debruçado sobre o Douro — o velho Porto — com o mar à vista e sol radioso?!

Somos arrastados pelo fervor dos peregrinos! Mas o espaço é limitado. Temos de parar! No entanto, condensamos o mapa de procedência dos novos Assinantes: Muitos do Porto e Lisboa; mais Fiães, Carvalhos, Feira, Castelo da Maia, Carvalhal (Meda), S. Pedro do Estoril, Pombal, Lages (Terceira-Açores), Burgães e Rebordões (Santo Tirso), Vila das Aves, Caramulo, Aguas Santas (Maia), Caneças, Praia de Mira, Proença a Nova, Espinho, Rio Tinto, Vila Nova de Gaia, Elvas, Ovar, Paço de Arcos, Canidelo, Coimbra, Corroios, Linda-a-Velha, Cacém, S. João do Estoril, Lagos, Vinhais, Barreiro, Sesimbra, Portimão, S. João da Ribeira (Rio Maior), Neuilly Sur Seine (França) e Gravatai — Rio Grande do Sul (Brasil).

Júlio Mendes

UMA CARTA

«Acabo de receber o livro O Barredo — do Padre Américo — e apresso-me a agradecer a prontidão com que atenderam o meu pedido.

Tinha pena se ele estivesse esgotado, porque era o único que me faltava na colecção e são leituras preciosas que se não podem perder, porque além de nos encherem o coração, aproximam-nos dos nossos Ir-

mãos mais carecidos e dos preceitos divinos — «Amai-vos uns aos outros...» — dos quais a Pobre Humanidade anda tão esquecida!

Queiram perdoar os momentos que lhes faço perder com os meus desabafos e aceitem cumprimentos desta velha Amiga já com 75 anos.

Assinante 13109»



Director: Padre Telmo Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administ.: Casa do Gaiato-PAÇO DE SOUSA-4560 Penafiel-Tel. 952285
Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato-Paço de Sousa-4560 Penafiel

Depósito Legal n.º 1239

Tiragem média, por edição, no mês de Agosto: 57.630 exemplares.